

QUEM É O PROFESSOR DA CRIANÇA QUEER?

Danielle Ferreira Bastos¹

RESUMO

O presente estudo se constrói a partir dos pressupostos da teoria *queer* e das contribuições da psicanálise para a educação a fim de discutir como a professora e o professor da educação infantil deixam-se afetar pelas normatizações oriundas das intencionalidades da “ideologia de gênero”, “escola sem partido”, “*kit gay*” e outras noções resultantes de um campo de discursos conservadores, que influenciam os professores a limitar de forma consciente e inconsciente a criança na expressão fluida da sexualidade. Autores como Freud, Foucault, Butler e Louro, foram visitados e contribuíram com a reflexão acerca da necessidade de pensar uma formação de professores que se apresentem desconstruídos *queer*. A discussão é apresentada no texto por meio das “vinhetas escolares”, que são narrativas dos encontros entre os professores e a criança *queer*. No contexto ainda incerto de busca de novas pedagogias, considera-se que os professores são atravessados por questionamentos e conflitos produzidos por um sistema normativo e sob uma forte carga emotiva são desafiados a subverter a educação conservadora e repensar as práticas desenvolvidas com a criança que não se rende ao que a norma escolar espera dela.

Palavras-chave: Teoria *queer*, Criança *queer*, Psicanálise e Educação, Sexualidade infantil.

¹ Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense UFF - RJ, daniellefbastos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A atividade era de colagem. O tema trabalhado na aula era território e a proposta era reproduzir as casas da comunidade no papel. Variados pedaços de papel com diversas formas e cores foram dispostos na mesa. A criança só escolheu os quadrados, retângulos e triângulos na cor rosa. E assim o cenário se fez: casas rosas por todo o cenário imaginado. Para a surpresa da criança logo veio a intervenção da professora que se mostrou preocupada pelo fato de que “ele era um menino” e sua mãe já havia sinalizado que não queria que seu filho brincasse na companhia de meninas ou com “brinquedos de meninas” e escolhesse utilizar nas atividades pedagógicas de arte a cor rosa, segundo a mãe, “a cor das meninas.” A professora argumentou que ao interferir na criação da criança, a salvou do ato de fúria da mãe que quando visualizasse as casas rosas na atividade pedagógica do filho iria demonstrar toda sua insatisfação. “O menino” é uma criança *queer*. A mãe já percebeu, mas não quer conversar sobre isso. Ela somente quis proibir as escolhas e comportamento de seu filho, atravessada por questões pessoais e religiosas. A professora no que entendeu ser um ato de proteção, acreditou que se evitasse a realização da colagem com a utilização de papéis na cor rosa, a criança não seria penalizada por sua mãe. A mãe foi atendida no seu desejo, a professora foi protegida da fúria da mãe e a criança foi anulada no seu fazer. Nem a professora, nem a família da criança a priorizaram enquanto protagonista do seu querer na execução de uma tarefa escolar.

A “vinheta escolar”² apresentada acima, escancara o fato de que a criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto (PRECIADO, 2013). Em que momento a professora se sentiu autorizada a anular a criação da criança em detrimento do anseio de um outro adulto?

Toda criança tem em si a potência de rompimento com as normas e de subvertê-las. Isso é *queer*. Quando a professora deixou de ser *queer* também? O termo *queer* no texto deste artigo não é afirmado apenas enquanto voltado às categorias de gêneros e sexualidade. É também apresentado como forma política em um movimento de pensar criticamente. Para além de um pensamento teórico ou

2 As “vinhetas escolares” têm a característica de serem construídas por memórias e impressões daquilo que foi vivido, portanto, portam um caráter ficcional inerente aos processos mnemônicos. Essa metodologia de pesquisa, pensada no seio de uma práxis psicanalítica, vem sendo desenvolvida por pesquisadores do Grupo Alteridade Psicanálise Educação - GAP(E)/CNPq-UFF, de que faço parte e tem como líder a professora Marília Etienne Arreguy, orientadora da minha pesquisa de mestrado e doutorado. No sentido de respeitar a vertente ética da pesquisa, no texto foi preservado o anonimato da instituição escolar e os nomes da criança, de seu responsável e da professora apresentados na vinheta escolar.

acadêmico, o *queer* faz uso da estratégia de confronto e desafio, não estabelecendo vínculo com qualquer pretensão normatizadora.

Em que momento a professora, o professor ou o professore que atua na educação infantil perdeu sua criança interior e se deixou levar por normatizações expondo a criança que atende hoje nas escolas a também viver suas experiências dentro das normatizações?

Quanto de uma criança *queer* ainda conseguimos sustentar em nós mesmos?

Para falar da criança que fomos um dia e do infantil que ainda temos em nós, não há como deixar de mencionar os estudos históricos e sociológicos de Ariès (1973/1981) em *História social da criança e da família*. Tais estudos nos mostram que a noção de infância, como etapa do desenvolvimento com suas especificidades é uma construção histórica e culturalmente determinada. Em sua obra Ariès (1973/1981), demonstra como a infância enquanto idade da vida é caracterizada por conter uma série de antecipações da vida adulta. Uma infância que se constitui em tempo histórico e social nos faz pensar o infantil e como lhe damos bordas que permitem diferenciá-lo da infância, tornando o infantil como uma experiência fora do tempo.

A infância também faz parte da história da psicanálise como uma de suas marcas e o modo como Freud (1905/2006) compreendeu a importância da infância na constituição psíquica é fundamental para o entendimento do adulto que somos hoje.

Na psicanálise é possível buscar o conceito de infantil que diferenciando-se da infância, está remetido a estruturas conceituais diversas. Enquanto a infância refere-se a um tempo da realidade histórica, o infantil é atemporal e está remetido a conceitos como pulsão, recalque e inconsciente.

Nos primórdios da investigação psicanalítica até os anos 1920, o infantil se identificava com o registro da sexualidade, ou seja, com o campo do desejo e com o que era regulado pelo “princípio do prazer” que regido pelos processos inconscientes, busca por prazer ao mesmo tempo em que evita o desprazer. Após os anos 1920, o infantil passou a ser apresentado como o que não pode ser erotizado e como o que é regulado por um além do “princípio do prazer”, se voltando ao “princípio da realidade”, que busca a satisfação a partir do real ainda que sob o domínio da fantasia e do desejo (BIRMAN, 1997).

Reverendo os escritos freudianos, é possível perceber como o teórico apresentou os conceitos de infância e infantil para explicitar a importância dos primeiros anos de vida na constituição psíquica do sujeito. Pensar o infantil como um conceito psicanalítico passa pela compreensão de uma infância que desliza da cronologia e das experiências à realidade psíquica. A realidade psíquica confere ao infantil um

estatuto que se estende para além daquilo que foi visto, ouvido ou vivido na infância. O infantil não se dá a ver, mas se faz presente no discurso e no modo como cada sujeito se apresenta na vida adulta.

Em sua obra *“A interpretação dos sonhos”* (1900/1980), Freud consolida a sua compreensão sobre o lugar da infância na constituição do psiquismo, começando pelos acontecimentos e sua importância na constituição de cada fato ocorrido na infância que é perseguido na busca da experiência cuja lembrança ficou recalçada. É no resgate de nossas experiências que se dá o reflexo que consiste na busca de lembranças esquecidas. Busca-se o resgate mnêmico o mais próximo possível da experiência vivida. Embora, apareça uma suposição de que existe uma infância a ser resgatada, não é possível deixar de considerar que o interesse pelo recalçado já aponta para a busca não apenas do fato vivido, mas também do fato não lembrado que segue guardado no inconsciente, como nos diz (FREUD, 1900/1980).

Em *Os três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1980), Freud fala do esquecimento do infantil nos seus primeiros anos. Tratando da amnésia do infantil, o teórico reafirma o paradoxo de que o infantil remete a um período que, ao mesmo tempo que é esquecido, é determinante. São as impressões esquecidas que deixam os mais profundos traços em nossas mentes e que são tomados como traumáticos, constituindo efeitos determinantes na vida. O infantil como trauma revelaria a posição de desamparo do sujeito frente ao que existe de imposição no impacto da força pulsional, que lança o sujeito no campo da angústia (BIRMAN, 1997).

Freud (1893/1988) aponta o quanto o “esquecimento” pode não ser efetivamente tão esquecido, o quanto aquilo que muitas vezes supomos ter esquecido, de alguma forma comparece em nossa consciência e têm efeitos presentes na vida adulta, trazendo o passado com efeitos significativos de forma positiva ou negativa sobre o presente.

Como o presente se transformou? Em que nos tornamos? Pensar como a psicanálise leva em consideração a necessidade de dispor de novos instrumentos face às formas de subjetivação que possam conduzir respostas aos diversos questionamentos que se fazem no cotidiano e nos deslocamentos na escola hoje, leva-nos a possibilidade de atrelar suas teorias à outras, como a *queer*.

As epistemologias *queer*, ora permeiam um diálogo possível com a psicanálise, ora se expõem à necessidade de se repensar e inaugurar uma psicanálise atravessada pelas teorizações *queer* a partir das contundentes críticas aos discursos e práticas psicanalistas (PRECIADO, 2022). Se faz importante discutir não apenas sobre as convergências, mas também sobre as divergências entre as teorias *queer* e psicanalíticas na busca de atravessamentos que produzam fissuras e subversões no que é difundido pela possibilidade de criação de teorias

outras que evidenciem os processos invisíveis que se atribuem às perspectivas de normalidade.

Uma criança como a *queer* da qual sabemos pouco, idealizamos muito e nos esforçamos por supostamente controlar, diariamente é rememorada em nossa história e permitir que a criança *queer* se revele é possibilitar que o novo e as diferenças se façam presentes. A infância nessa ótica apontaria para o desconhecido diante do qual pode-se extrair novos sentidos, no lugar de soterrá-la em uma suposta completude do adulto (SARMENTO, 2005).

A rememoração do passado do professor terá que levar em conta a infância que um dia sonhada, hoje a ela respondemos ou não. Tornar a estranheza do nosso infantil mais familiar é refazer os fios da história para, ao tecê-la, tornar a falar e permitir que a criança *queer* também fale.

Para responder à questão de quando se dá o momento em que o professor perde sua criança *queer* e se deixa levar pelas normatizações, este texto objetiva exemplificar como as normatizações influenciam o fazer pedagógico do professor da educação infantil que ao perder a capacidade de se posicionar de forma desconstruída *queer* não permite que a criança na escola vivencie ações fora da norma. A análise da intervenção do infantil nos fazeres dos professores da educação infantil, os sentidos a partir das falas e narrativas da criança *queer* e dos professores sobre as suas vivências e traumas e a busca por uma escuta sensível do que a criança e o professor têm a dizer, pode trazer respostas e caminhos para uma relação de troca e criação de ações permeadas por uma pedagogia *queer* (LOURO, 2004). Não se pode falar de uma só infância e uma só criança, como sendo de um único tipo, e não de outro. Não se pode falar apenas de um modo do professor exercer seu fazer pedagógico sem mencionar que se tornou um dos seus maiores desafios compreender como “(...) o movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode se articular com a educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento?” (LOURO, 2008, p. 47). Eis o desafio do professor da criança *queer*.

METODOLOGIA

Seria a teoria *queer* uma reflexão sobre o que significa ser *queer* ou a reflexão *queer* muda os modos nos quais teorizamos? (RANNIERY, 2017).

A pesquisa em metodologia *queer* segue sendo uma pergunta ainda em aberto. Rannierly (2017) defende que a metodologia *queer* é aquela que utiliza diferentes métodos para coletar e produzir informações que rejeitam a exigência acadêmica de uma coerência entre as disciplinas. Os estudos *queer* não se

constituem em uma matriz metodológica única. Trata-se de uma variedade de contribuições com orientações metodológicas distintas no esforço de rejeitar a adoção acrítica de qualquer instrumento metodológico, como também de renunciar a adotá-los de forma crítica (RANNIERY, 2017).

Para Gamson (2006) a metodologia *queer* reascende o caráter produtor e de criação da pesquisa. Nesse investimento que essa metodologia atinge a vida fora do lugar e do tempo e promove a abertura de sentidos para a pesquisa. Assim, a metodologia *queer* compõe uma prática de investigação que privilegia as conexões e as transformações dos sistemas de conhecimento e as maneiras de ver e dizer sobre a prática (RANNIERY, 2016), apontando para o exercício de uma pesquisa que assume a impossibilidade de dar conta das vidas dos sujeitos com as quais a pesquisa se relaciona, bem como falar em nome delas ou por elas.

Inspirada na metodologia *queer*, a investigação junto aos professores da criança *queer* das unidades de educação infantil, se deu a partir de conversas diárias com os professores, ampliada a partir dos espaços de observação e escuta para além da criança *queer*. Algumas narrativas acompanhadas na pesquisa, foram engendradas a partir de pressupostos teóricos fundamentados na teoria *queer* e na escuta inspirada pela psicanálise o que me levou à transcrição das vivências das crianças *queer* e dos seus professores por meio das “vinhetas escolares”, inspiradas nas vinhetas clínicas, como ocorrem na construção da clínica psicanalítica.

Ter “receio de teorias que não dançam” é ter uma visão de produção de conhecimento de uma relação profunda entre a investigação e a vivificação do “pensamento dos rios e fluxo (...) Os conceitos dançam e vibram na medida em que se rompe com o binarismo (...)” (DODI LEAL, 2021).

A cada transcrição a partir do que foi visto e ouvido, o tom, a escuta, o encontro e a alteridade, possibilitou a criação de relações com os movimentos necessários para a pesquisa. A perspectiva de que antes de iniciar uma escrita todos os caminhos precisam estar definidos é uma perspectiva de um modelo hegemônico que o *queer* luta contra. Foi preciso estar em diálogo no campo e na escrita do texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sigmund Freud, Michel Foucault, Judith Butler e Guacira Lopes Louro tem me ajudado a olhar o humano para além do que ele é hoje e, conseqüentemente, a olhar e vislumbrar a possibilidade de uma educação voltada a acolher as diversidades e se mostrar menos normatizadora, pelo menos nas relações professor-estudante. Freud trouxe a contribuição do conceito de infância e infantil, diferenciando-os. A infância cronológica não pode ser confundida com o infantil

que é reconstruído no nosso discurso cotidianamente, pois mesmo que ele não se possa ver, está no modo de ser e agir, mesmo que de forma inconsciente em cada sujeito na idade adulta (Freud, 1900/1980; 1905/2006). Por isso, a psicanálise sustenta a existência permanente da criança no adulto de qualquer idade e em qualquer tempo, pois nela nos remetemos ao infantil que escapa à racionalidade e é a fonte das experiências permanentes de subjetivação; Butler, que por meio de sua obra *“Problemas de Gênero”* (1990/2019) descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso e como as instituições, tais como a escola no seu discurso e nas suas práticas, ao determinar sexo, sexualidades e gêneros cria e/ou remarca concepções que orientam as relações subjetivas vida afora; Foucault (1975/2007), no que tange o arcabouço da Filosofia da Diferença, por ser uma referência clássica no estudo da sexualidade, analisando como a sociedade faz uso abusivo do poder através das instituições, uma delas, a escola; e Louro (2004; 2008), teórica que toma como base as questões de gêneros e sexualidades, apresentando contribuições relevantes acerca dos estudos *queer* voltados ao campo da educação, entendendo haver diálogo entre a teoria *queer* e a educação por pedagogias e currículos para além dos binarismos. Conversar, dialogar e ouvir, para que a criança possa se mostrar diversa e o professor possa recebê-la tal como ela é, também é responsabilidade da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a relevância que a observação e a escuta têm no âmbito escolar, espero com este trabalho contribuir para a reflexão quanto à utilização de recursos em contextos de pesquisa que envolvam as relações professor-estudante nos primórdios da constituição subjetiva da criança que ainda se encontra em formação na educação infantil. Desse modo, como dispositivos, tanto a observação quanto a escuta, se complementaram.

Contudo, a dúvida ainda permanece se voltando ao passado: o que os acontecimentos ocorridos na infância de um professor produzem no pensamento dele hoje? Resposta: traumas. Freud (1916-17/2014) diz que “o termo ‘traumático’ não tem outro sentido que o de economia da energia. Chamamos assim a uma experiência vivida que leva à vida da alma (...) o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético” (p. 275). Sob esse prisma, o traumático surge como figura de uma história de problemas, em que a relação entre pensamento e acontecimento precipita no discurso às diferenças. A construção dessa noção aparece como resposta a problemas surgidos e colocados pelos acontecimentos da vida a partir da linguagem e do que se cria através

dela e das noções de normatizações sob as quais não somente na infância, mas na vida adulta são apresentadas no cotidiano do professor.

“Ideologia de gênero³”, “Movimento Escola sem Partido⁴”, Base Nacional Comum Curricular- BNCC⁵ e “Kit gay⁶” são exemplos de intencionalidades que permeadas por discursos normatizadores, atravessam professores no seus fazeres diários. Em um contexto conservador diante das perspectivas de ideias postas para o controle do outro, o professor é levado a reproduzir mesmo que de forma inconsciente, ações que vivenciou na própria infância. Cobranças que são remetidas a ele no campo educacional, voltam-se aos estudantes com os quais mantém sua relação a partir das normatizações oriundas de ideologias, movimentos e documentos norteadores das ações educativas.

Aliando os pressupostos dos estudos *queer* com as contribuições da psicanálise para a educação é possível pensar no diálogo entre as teorias *queer* e psicanalíticas em atravessamentos e implicações entre uma e outra na tentativa de elucidar como se dão as relações professor/estudante que permeadas pelas infâncias se apresentam através da criança *queer* e do infantil representado pelos professores. Tais questões necessitam ser postas para alargar as inspirações das próprias práticas e relações com a criança *queer* que leva dentro de si um modo subversivo de ser e agir sem se preocupar em corresponder às expectativas dos adultos ao seu redor.

3 Trata-se de uma narrativa criada no interior de uma parte conservadora da Igreja Católica e no movimento “Pró-vida e Pró-família” que no Brasil está centralizado em um *site* chamado “Observatório Interamericano de Biopolítica.” (FURLANI, 2016). **“Existe Ideologia de Gênero?”** Disponível em: <http://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>.

4 O Movimento Escola sem Partido (MESP) foi criado em 2004 com o objetivo de dar visibilidade à instrumentalização do ensino para fins ideológicos e partidários, utilizando-se de um *site* como principal suporte que funciona como um meio de divulgação de denúncias e de disseminação de práticas de vigilância para apontar ações dos professores entendidas como doutrinação (FRIGOTTO, 2017).

5 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi aprovada no dia 22 de dezembro de 2017, por meio da Resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação que institui e orienta sua implantação, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e modalidades da educação básica. Apesar do texto se apresentar como conquista prevista em Lei, movimentos e associações do setor educacional se opuseram à sua aprovação (ALBINI; SILVA, 2019).

6 No ano de 2011 ocorreu na cena da política nacional o que foi denominado “kit gay” que dizia respeito a um conjunto de materiais que seria distribuído nas escolas com o objetivo de combater a homofobia. O *kit* composto por um caderno, boletins, audiovisuais, cartaz e carta de apresentação para os gestores das unidades de educação era parte do Projeto “Escola sem Homofobia”, proposto pelo Ministério da Educação, à época gerido por Fernando Haddad e por ONG’s Nacionais e Internacionais em parceria com a UNESCO. Pressões realizadas por parlamentares conservadores culminaram no veto do material pela Presidenta da República daquele ano, Dilma Rousseff. **“Kit Gay”: o que é mito e o que é verdade - Gazeta do Povo.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/kit-gay-o-que-e-e-mito-e-o-que-e-verdade-b60i8lo4osb19tsf2du8bmr54/>.

A essência da criança é a insubordinação. Como então, compreender o professor que um dia foi uma criança insubordinada e que no seu caminhar, “esqueceu-se” de permanecer no cotidiano escolar como um profissional subversivo por estar imerso em um ambiente conservador como a escola?

Das profissões do impossível, Freud (1937/2006) destaca o professor por sua carga que o limita nos seus fazeres diários. Assim é a normatização que como “caixa” prende o professor em seu interior, impedindo que ele se permita e permita que a criança que atende se expresse sem o controle do modo de ser, agir e até mesmo pensar.

Nesse contexto ainda incerto de busca de novas pedagogias, o papel do professor da educação infantil e de sua formação precisa ser repensado. Segundo Gadotti (1998), é necessário que o professor se assuma enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos. Posicionando-se não mais como neutro como na vinheta escolar relatada na introdução do texto, o professor pode ascender através de uma consciência crítica que supere o senso comum de rejeitar, silenciar e ignorar uma criança que apenas se mostra como verdadeiramente é, superando seus medos e não mais desconsiderando as diferenças.

Esse impulso que resiste de modo a produzir e apresentar forças que se encontram em ação no seu corpo, a criança *queer* utiliza para driblar o poder dos adultos e criar modos de vida forjados como resistência às formas dos adultos de governar os que são considerados fora da norma (ASPIS; GALLO, 2010).

Para falar sobre a mudança das práticas dos professores, é necessário falar da sintonia entre a teoria e a prática e do discurso e da ação dos envolvidos no combate às normatizações oriundas do que se entende por “Ideologia de gênero”, que carrega um sentido pejorativo para um grupo conservador que tenta a todo custo responsabilizar os professores por controvérsias estabelecidas por um grupo que nega a importância de debater temas como educação sexual nas escolas; do “Escola sem Partido”, que muitos professores temem pelas ameaças postas a partir de uma sociedade conservadora que se mostra vigilante das ações exercidas nas escolas; dos documentos norteadores como a conservadora BNCC, que trata-se hoje, de um documento que censura as singularidades de cada sujeito, impondo um padrão único a ser seguido em um país diverso como o Brasil; e do suposto “*Kit gay*”, criado como um inimigo em um levante para criminalizar pessoas LGBTIAP+.

Não é apenas na escola que se produz e reproduz o conhecimento, mas é nela que esse saber aparece sistematizado e codificado. Ela é um espaço social privilegiado onde se definem a ação institucional e

pedagógica (...) o processo formativo pressupõe o reconhecimento da pluralidade e da alteridade, condições básicas da liberdade para o exercício da crítica, da criatividade, do debate de ideias e para o reconhecimento, respeito, promoção e valorização da diversidade (...) (BRASIL, 2007, p. 31-32).

O encontro que se dá diariamente nas escolas entre a criança *queer* e seus professores têm a potência de gerar novos caminhos de compromisso com a produção de novos modos de existência para uma educação promotora das diversidades.

“(...) Um modelo de aluno que corresponde à norma social: um menino ou uma menina com as características de gênero, heterossexualidade e estrutura familiar compatíveis com o que é esperado pela sociedade” (FRANÇA; CALSA, 2011, p. 111), não é mais possível na escola que se pretende um espaço de desenvolvimento, aprendizagens e diversidades.

Quando a escola abandonar seu sistema cheio de regras e normas, dicotomizado sobre as questões de gêneros e sexualidades será possível uma educação diversa.

É nesse universo de dúvidas e inseguranças em que se encontra a criança *queer* e seus professores na espera de uma diretriz para o enfrentamento dos desafios de uma educação para todas, todos e todes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa ao propor a escrita deste texto, foi de colocar em diálogo os pressupostos dos estudos *queer* e das contribuições da psicanálise para a educação, como busca de um caminho que se revele acolhedor dos professores às diferenças das crianças. O tema surgiu como uma possibilidade de aproximação entre os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de mestrado e o tema proposto em minha pesquisa de doutorado, se alinhando aos estudos de gêneros e sexualidades na infância com a intenção de compartilhar a importância desta temática em especial, dentro das escolas de educação infantil.

Por meio da teoria *queer*, do conceito de sexualidade infantil fundamentado na psicanálise e da divulgação da necessidade de se repensar de forma urgente na *queerização* da formação de professores, propõe-se uma reflexão sobre os pilares da democratização das diferenças na educação infantil, do rompimento com a invisibilidade da criança *queer* e da angústia do professor no desafio de lidar com as diversidades, voltando-se ao combate das normatizações.

Ainda há muito o que se pensar sobre as premissas para uma educação que acolha a vivência da criança *queer* na escola sem ser destacada sua atuação fora da norma. Ela tem muito a viver pela frente e suas ações podem ser pensadas a partir da compreensão de que sua identidade é transitória.

Não é possível já na educação infantil definir os próximos passos de uma criança, porém é possível e necessário acolhê-la com uma visão de mundo que ali está quem deseja ser exatamente quem é e como é, desidentificada dos padrões de gêneros e sexualidades instituídos.

A criança que Freud um dia descortinou sente tristeza, solidão, raiva, desejos destrutivos, vive conflitos e contradições, é portadora de sexualidade e escapa ao controle do professor. É uma concepção de criança peculiar, ou seja, “(...) não a criança policiada, educada, disciplinada, e sim a criança visada pelo gozo, gozo que deixa seus traços no adulto, em seus sucessos e seus fracassos, suas perversões ou suas sublimações” (MILLER, 1991, p.138).

Para o professor, pensar nessa criança implica necessariamente pensar também nas suas ações de intolerância em relação à sua própria infância. Construir um ideal para a criança que tanto o indigna, implica construir um ideal para o adulto que ele se tornou.

Por isso, a criança *queer* tanto desafia o professor. Ela não necessita de autorização para realizar seus desejos, ainda que pudesse se mostrar mais feliz se de seus professores recebesse acolhimento, implicada em uma relação de confiança.

Acredito na relevância de amplificar a necessidade de voltar o olhar da academia para as escolas de educação infantil, investigando as relações que se dão entre professores acuados pelas normatizações que demonstram dificuldades em lidar com as diversidades que de forma clara são expressas pela criança *queer*.

Portanto, se faz necessário falar da criança que implica trazer problemas reais para o cotidiano escolar já que desde a sua chegada nas unidades de ensino ela demonstra uma valentia que esbarra nas falas e comportamentos de seus professores, como uma renovação do próprio desejo que não retrocede ante a realidade: a criança *queer* existe e a criança *queer* dentro de cada professor, professora ou professore um dia existiu.

REFERÊNCIAS

ARIËS, P. (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: **LTC**. (Trabalho original publicado em 1973).

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. Ensino de Filosofia e Cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. **Revista Pro-Posições**. Campinas. v. 21, n. 1. p. 89-105. jan./abr. 2010.

BIRMAN, J. Além daquele beijo!? Sobre o infantil e o originário em psicanálise. In: Santa Roza, Elisa. Da análise da infância ao infantil na análise. Rio de Janeiro: **Contracapa**, 1997.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos/Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/2191-plano-nacional-pdf/file>>. Acesso em: 29 maio 2021.

BUTLER, J. (2019) Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**. (Trabalho originalmente publicado em 1990).

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FOUCAULT, Michel. (2007) Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: **Vozes**. (Trabalho originalmente publicado em 1975).

FRANÇA, F. F.; CALSA, G. C. Gêneros e Sexualidades na formação docente: desafios e possibilidades. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, n 2, v. 24, p. 111-120, 2011.

FREUD, S. (1988) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação Preliminar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume II*. Rio de Janeiro: **Imago**. (Trabalho originalmente publicado em 1893).

FREUD, S. (1980) A Interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: **Imago**. (Trabalho originalmente publicado em 1900).

FREUD, S. (2006) Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume IV*. Rio de Janeiro: **Imago**. (Trabalho originalmente publicado em 1905).

FREUD, S. (2014) Conferências Introdutórias à Psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. São Paulo: **Companhia das Letras**. (Trabalho originalmente publicado em 1916/1917).

FREUD, S. (2006). Análise terminável e interminável. Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXIII* Rio de Janeiro: **Imago**. (Trabalho originalmente publicado em 1937).

GADOTTI, M. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: **Cortez**, 1998.

GAMSON, J. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagem*. Porto Alegre: **Artmed**, 2006.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: **Editores Autêntica**, 2004.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MILLER, J. *A criança no discurso analítico*. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 1991.

PRECIADO, P. B. Quem defende a criança queer? **Jangada-crítica, literatura, artes**, Viçosa, p. 96-99, 2013.

PRECIADO, P. B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatórios para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2022.

RANNIERY, T. No balanço da teoria *queer* em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 19-48, 2017.

RANNIERY, T. No meio do mundo, *aquendar* a metodologia: notas para *queerizar* a pesquisa em currículo. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, n 2, vol. 11, p. 332-356, 2016.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

TENHO receio de teorias que não dançam. **Dodi Leal**. Direção de Gau Saraiva. Santo André e Guaiú, 2021. (4min. e 4). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tdbfqmwjlou>> Acesso em: 16 dez. 2023.